



AJURICABA: CULTURA E RESISTÊNCIA INDÍGENAS COMO TEMÁTICA DE UMA HQ

Rubens Dias (UFPA)¹
Izabela Guimarães Guerra Leal (UFPA)²

Resumo: O presente artigo visa discutir a presença da cultura e resistência indígenas como temática da HQ *Ajuricaba* (2020), a qual conta com roteiro de Ademar Vieira, desenhos de Jucylande Júnior e finalização de Tieê Santos, e narra a história do líder indígena manao Ajuricaba, responsável pela maior campanha de resistência anticolonialista das nações indígenas do Amazonas no século XVIII. Diante disso, a obra analisada se firma como uma importante ferramenta para conscientizar os leitores acerca de violações de direitos fundamentais ainda cometidas contra populações tradicionais. Além disso, a questão da diversidade cultural dos povos ameríndios é destacada na obra por meio de recursos visuais que singularizam cada nação, representação que foge dos tradicionais estereótipos atribuídos aos indígenas em algumas obras ficcionais. Por fim, a HQ também homenageia a extinta língua manao, ao inserir na narrativa termos desse idioma, um movimento dos quadrinistas que sublinha a relevância da língua para a história sócio-político-cultural de um povo, bem como as relações existentes entre poder e linguagem.

Palavras-chave: Ajuricaba. Histórias em quadrinho. Resistência indígena.

Abstract: This paper aims to discuss the presence of indigenous culture and resistance as the theme of the comic-book story *Ajuricaba* (2020), which has a script by Ademar Vieira, drawings by Jucylande Júnior and completion by Tieê Santos, and narrates the story of the indigenous leader manao Ajuricaba, responsible for the biggest anti-colonialist resistance campaign of the indigenous nations of Amazonas in the 18th century. Therefore, the analyzed book stands as an important tool to make readers aware of fundamental rights violations still committed against traditional populations. In addition, the issue of the cultural diversity of the Amerindian peoples is highlighted in the work through visual resources that make each nation unique, a representation that strays from the traditional stereotypes used by natives in fiction. Finally, the comic also pays homage to the extinct Manao language, by inserting terms from that language into the narrative, a mechanism by *Ajuricaba*'s comic artists that underlines the relevance of the language to the socio-political and cultural history of a people, as well as the existing relations between power and language.

Keywords: Ajuricaba. Comic-book story. Indigenous resistance.

1. Introdução

Nas últimas décadas, o interesse pelas *textualidades indígenas*, termo usado por Cláudia Neiva de Matos (2010) para se referir às produções poético-literárias indígenas vêm, cada vez mais, se expandindo nos espaços acadêmico e artístico nacionais. São antropólogos,

¹ Graduando do curso de Letras (Habitação Língua Portuguesa) da Universidade Federal do Pará. Bolsista PIBIC do projeto de pesquisa “Poéticas Indígenas e Literaturas de Fronteira”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Izabela Guimarães Guerra Leal. E-mail: rubensdias898@gmail.com

² Docente do curso de Letras (Habitação Língua Portuguesa) da UFPA e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA. E-mail: izabelaleal@gmail.com



pesquisadores das Letras e Literatura, cineastas e até mesmo escritores, indígenas e não indígenas, que tomam não somente as artes verbais ameríndias, mas também a própria história dos povos originários como fonte para estudos científicos e trabalhos artísticos de criação e/ou recriação poéticas, produzindo um movimento que visa destacar, a nível nacional e global, a cultura e a história desses povos.

Nesse sentido, a *graphic novel* *Ajuricaba* (2020), a qual conta com roteiro de Ademar Vieira, desenhos de Jucylande Júnior e finalização de Tieê Santos, fruto de um edital para projetos artísticos da Prefeitura de Manaus, é uma iniciativa fundamental que visa valorizar as culturas indígenas brasileiras, as quais vêm sendo atacadas, sistematicamente, desde o início da colonização europeia, no século XVI. Assim, ao narrar a história da resistência das nações do Rio Negro frente ao domínio lusitano, a publicação é uma forma de protesto às atrocidades ainda cometidas contra populações tradicionais, em pleno século XXI.

2. Conceito e breve história das HQs no Brasil

A história em quadrinhos é “uma história contada em quadros por meio de imagens, com ou sem texto” (VERDOLINI, 2007, p.19) e considerada, por isso, um híbrido entre as linguagens verbal e não verbal, sendo os balões de diálogo e onomatopeias dois dos elementos de destaque dessas narrativas.

De acordo com Silva, Santos e Tavares (2017), 1869 é considerado o ano em que os primeiros quadrinhos surgem no Brasil na forma de tirinhas em jornais, sendo o desenhista ítalo-brasileiro Angelo Agostini o precursor da prática no país. No entanto, de acordo com Silva et al (2017), é somente em 1905, no Rio de Janeiro, que surge a primeira revista em quadrinhos denominada *O Tico-Tico* tendo por objetivo: “incentivar o nacionalismo pelo país, para tanto descrevia narrativas regionais (lendas, cantos, cantigas e diversas expressões culturais)” (SILVA; SANTOS e TAVARES 2017, p.2).

No entanto, é somente na década de 30 que se dá a massificação dessa mídia por meio de HQs estrangeiras, com destaque para as norte-americanas. O *Suplemento Infantil*, revista em quadrinhos lançada em 1933 pelo jornalista e escritor Adolfo Aizen, é um marco nesse sentido. Aizen, também editor de *O Tico-Tico*, mencionada anteriormente, foi o



responsável por publicar as mais famosas HQs da época, como Flash Gordon, Tarzan, Príncipe Valente, Mandrake, Pato Donald e Mickey, Super-homem, Batman, entre outras.

De acordo com Ivan Lima Gomes (2014), em razão da criação da Associação Brasileira de Desenho (ABD), na segunda metade da década de 1940, e da Associação de Desenhistas de São Paulo, em 1952, inicia-se uma mobilização de quadrinistas e desenhistas brasileiros por mais espaço no mercado editorial.

Como consequência deste movimento, nas décadas de 1950 e 1960 intensifica-se a circulação de artes gráficas e histórias em quadrinhos de autores nacionais, com destaque para Péricles Maranhão, *Amigo da Onça*, as HQs de Ziraldo na revista *Pererê*, publicadas entre os anos 1960-1964, bem como Maurício de Souza e sua *Turma da Mônica*, cujos primeiros personagens são criados em 1959.

3. Ajuricaba: história x ficção

A HQ *Ajuricaba* (2020), que conta a “saga épica” (VIEIRA, 2020, p.132) do líder Manao Ajuricaba e sua luta contra as arbitrariedades empreendidas pela Coroa Portuguesa contra os povos indígenas da região do Rio Negro, no século XVIII, é fruto de extenso trabalho de pesquisa por parte de seus autores.

Conforme relatos de Ademar Vieira, roteirista de *Ajuricaba*, em bate-papo transmitido por meio de *live* na rede social *Instagram*³, foram utilizadas diversas fontes bibliográficas para compor a história, com destaque não somente para documentos históricos, mas também para a peça teatral *A Paixão de Ajuricaba* (1974), do escritor e dramaturgo amazonense Márcio Souza.

Desse modo, apesar de se tratar de um personagem histórico a respeito do qual existem documentos conhecidos, há brechas que foram preenchidas no momento da criação da HQ para atender a exigências inerentes à narrativa em quadrinhos, e que não constam nos registros históricos, a exemplo da esposa de Ajuricaba, Inhambu, personagem existente somente na ficção e criada para fomentar o lado sentimental do líder manao, o qual sofre em razão do assassinato brutal de sua amada e filho pelos portugueses.

³ A entrevista pode ser acessada por meio deste link: <https://www.instagram.com/tv/CSORvBEHvmH/>.



4. Protagonismo indígena em *Ajuricaba* (2020)

Um dos aspectos que sublinham a relevância do estudo da obra *Ajuricaba* (2020) é a questão do protagonismo indígena apresentado na *graphic novel*, que exalta a resistência e cultura indígenas das etnias apresentadas na narrativa. Isso demonstra um desejo, por parte dos autores, de dar voz a povos historicamente silenciados, pois, conforme Silva Júnior (2020)

Se contarmos que a chegada dos europeus na América iniciou-se na virada do século XV para o XVI, notaremos que a insurgência do indígena nos debates políticos, de modo cada vez mais expressivo, se contado desde meados do século XX aos dias atuais, é um avanço recente. (SILVA JÚNIOR, 2020, p. 20).

Além disso, conforme aponta Cláudia Neiva Matos (2010) sobre a representação indígena na literatura, é somente a partir do século XIX, com o advento da Independência da República que

poetas, romancistas e críticos, no âmbito do Indianismo romântico, elaboram o mitema da poeticidade indígena, projetada em heróis cantores, capazes de perceber e expressar as harmonias profundas entre a alma humana e a virgem mãe Natureza (MATOS, 2010, p. 438).

No entanto, em relação a essa literatura romântica, deve-se ressaltar que, na maior parte das vezes, o indígena foi retrato como tendo um comportamento submisso perante o colonizador. Nessas narrativas, o autóctone abdica de sua cultura em prol daquela imposta pelo invasor europeu. Assim se dá, por exemplo, em duas das maiores obras alencarianas: *Iracema* e *O Guarani*, conforme análise de Alfredo Bosi, na obra *Dialética da colonização* (1994).

Os modernistas, por sua vez, no século XX, e objetivando romper com o que julgavam ser estruturas artístico-literárias arcaicas e eurocêntricas, empenham-se em produzir literaturas fortemente influenciadas pela cultura autóctone, mas ainda de forma demasiado distante do que vem a ser uma poética indígena.

Por outro lado, é somente entre o período de 1945 a 1965 que a presença de personagens indígenas em livros infantis se torna expressiva, embora esses personagens sejam frequentemente representados como alguém que está “do lado errado, a não ser quando se



civiliza, convertendo-se ao cristianismo e aliando-se aos brancos” (ZILBERMAN; LAJOLO, 1986, p. 131 apud SILVEIRA; BONIN, 2012, p.331).

Diante disso, é notório o movimento de expansão das publicações destinadas à valorização das culturas autóctones, fenômeno que vem se tornando cada vez mais frequente e abundante no cenário editorial brasileiro.

Deve-se destacar que, embora a *graphic novel* aqui analisada não tenha sido elaborada por autores indígenas, é notório, e mesmo louvável, o empenho desses artistas em se dedicarem às causas dos povos originários. Além disso, ao optarem por representar as dores que vêm sofrendo os ameríndios desde o séc. XVI em uma narrativa de linguagem mista (verbal e não-verbal), um dos gêneros mais lidos pelos brasileiros, conforme aponta a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2020), os autores visam provocar reflexões acerca de uma temática mais atual do que nunca. Nesse sentido, vale destacar a fala da escritora e poetisa indígena da etnia Omágua/Kambeba, Márcia Wayna Kambeba (2018) para quem

Ler é viajar, é conhecer universos não habitados e explorar conhecimentos novos, aventurar-se. Assim, a literatura indígena é um convite a desbravar o universo da cultura dos povos sempre com respeito e equidade. Pois existe, sim, um grande livro escrito com lágrimas e sorrisos, com informação e denúncias, e que se abre a aqueles que se propõem unir as mãos e juntos caminhar por cuara acú (o grande caminho), com trilhas abertas pela mãe natureza. Pisar o chão e entender as marcas de seu passado e do tempo da história sem pisá-la, mas conhecendo-a para assim se conhecer como cultura, como pessoa. Existe sim uma literatura indígena precisa e fundamental presente em cada gesto, em cada palavra, em cada lugar. (KAMBEBA, 2018, p.44).

Dessa forma, a obra aqui analisada traz à tona a resistência indígena perante o genocídio, por meio de uma narrativa verbo-visual que busca chocar os leitores pela representação da brutalidade dos invasores europeus em relação aos ameríndios, com destaque para a escravidão, as doenças disseminadas pelos *palyhaty* (“branco”, na língua manao) e a violência sexual que praticam. Outrossim, a obra exalta as culturas tradicionais, em específico as que se desenvolveram na região do Rio Negro, estado do Amazonas. De acordo com o Instituto Socioambiental:

Trata-se de um território de diversidade socioambiental singular e importante para a conservação e salvaguarda do patrimônio



socioambiental, cuja extensão é de 71 milhões de hectares compartilhados por quatro países: Brasil, Colômbia, Guiana e Venezuela. São 45 povos indígenas e dois patrimônios culturais do Brasil – Cachoeira de Iauaretê e Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro – além de abrigar o ponto mais alto do Brasil – o Pico da Neblina – lugar sagrado dos Yanomami. Cerca de 65% do território está sob alguma forma de proteção legal: 91 territórios indígenas, reconhecidos oficialmente, e 13 ainda sem reconhecimento, 23 Unidades de Conservação de Proteção Integral e 13 de Uso Sustentável (RIO Negro. **INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL** Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/organizacao/programas/rio-negro>).

Entre as nações representadas na HQ, destacam-se os Ticuna, os Mura, os Xapúena, os Tarumã, os Mayapena e os Manao. Vale ressaltar que elas são apresentadas nas ilustrações levando-se em consideração a riqueza cultural e heterogeneidade física nos traços dos personagens: os homens Manao adotam corte de cabelo curto, enquanto os Mura, longo. Além disso, as vestimentas e os adornos escolhidos pelos desenhistas são distintos e únicos para cada uma das etnias. Esses são detalhes que apontam para uma construção narrativa onde a representação indígena é apresentada sob o prisma da singularidade cultural ameríndia, contrastando, assim, com a forma como eram caracterizadas as personagens indígenas nas obras clássicas do romantismo e, até mesmo, em outras HQs, tais como *Papa-Capim*, do cartunista Mauricio Sousa. Conforme apontam Silva, Santos e Tavares (2017), os indígenas retratados nesta apresentam características estereotipadas, homogeneizantes, fato que contribui para a difusão de um imaginário distorcido acerca dos povos originários do Brasil.

5. Ajuricaba: o herói manao

O protagonista da história, Ajuricaba, da etnia Manao, é apresentado como um herói destemido, valente, justo e defensor incansável das liberdades e prerrogativas dos ameríndios do Rio Negro frente às arbitrariedades lusitanas.

Um dos episódios emblemáticos onde se pode observar a manifestação das qualidades mencionadas acima se encontra nas primeiras páginas da HQ: o protagonista liberta uma anta das garras de uma sucuri (cobra gigante que mata suas presas por constrição). A facilidade com que realiza a ação de livrar o mamífero dos domínios do réptil voraz, matando o grande predador, é comparável aos atos dos grandes heróis greco-latinos nas



epopeias clássicas. A força e bravura do manao dialogam, ainda, com outro personagem indígena, paradigmático no romantismo nacional: Peri, protagonista do romance alencariano *Iracema* (1857).

No entanto, é importante ressaltar que, embora algumas semelhanças valorativas entre Ajuricaba e Peri sejam evidentes e comprováveis, outras os distanciam sobremodo. A título de exemplo, o líder dos Manao luta incansavelmente para defender seus ideais, seu povo, sua cultura, enquanto o herói indígena alencariano é subserviente à sociedade colonizadora. Peri é, “literal e voluntariamente, escravo de Ceci, a quem venera como sua Iara, “senhora”, e vassalo fidelíssimo de dom Antônio” (BOSI, 1992, p.177) e chega a ser batizado, tornando-se cristão.

Ajuricaba, em sentindo oposto, opta pela morte, resistindo à escravidão e à subserviência quando, ao estar na embarcação destinada a levá-lo a Belém para ser julgado pelos “crimes” cometidos contra a Coroa, se joga no Rio Negro com mãos e pés acorrentados.

Além disso, sentimentos de indignação e dor sofridos pelo protagonista serão, ao longo da narrativa gráfica, forças motrizes para o protagonista. Afinal, a crueldade com que são tratados os indígenas pelos brancos no decorrer da história é estarrecedora, como ocorre na cena em que autóctones da etnia Tikuna são dizimados com armas de fogo e, em seguida, já mortos, são pendurados em galhos de árvores por meio de cordas prendidas ao pescoço. Esse episódio hediondo da HQ dialoga com um trecho da obra *Morte na Floresta* (2020), da antropóloga Aparecida Villaça, no qual ela entrevista o sacerdote católico D. Roberto Arruda a respeito das expedições punitivas contra os Wari’ na década de 1950:

[...] organizavam então grupos armados para o que eles chamavam a limpeza da área. E essa limpeza consistia em destruir todas as aldeias, matando o que encontrassem.

— Então foram muitos esses massacres?

— Nossa, demais. Massacres terríveis. Os brancos chegavam, grupos armados, pela manhã. Então metralhavam a aldeia...

— Com metralhadoras mesmo?

— Com metralhadoras, usavam metralhadoras mesmo. E depois entravam na aldeia liquidando mulheres e crianças que sobravam. E ainda tive relato por um OroNao [subgrupo wari’], cuja mulher tinha morrido num desses ataques. Dava pena porque esse homem estava sozinho na casa, com uns cinco meninos, quase todos relativamente pequenos, de dez anos para baixo, e a preocupação dele era de como alimentar, de como sustentar essas crianças. Então os



vizinhos é que traziam para ele caça e coisas dessas, e ele ficava ali com as crianças. Então perguntamos a ele pela mãe, e ele nos disse que tinha morrido num desses ataques dos brancos. E, sobretudo, o terrível é que ele viu o momento em que um branco agarrou nos braços da mãe uma criança relativamente pequena, e o homem pegou uma perna, o outro pegou a outra, da criança, e com um terçado dividiram essa criança pelo meio. E depois com o terçado atravessaram a mãe e deixaram tudo morto aí. Então você imagina o sentimento dessa gente contra esse tipo de procedimento dos brancos (VILLAÇA, 2020, p. 27-28).

Tal evento genocida apresentado na *graphic novel* ocorre porque os *Tikuna* simplesmente se recusam a negociar com os exploradores lusos em dia sagrado para esses autóctones. Esse é um dos episódios, na obra, que destacam a desumanidade da Coroa para com os povos tradicionais. Além disso, o pai, a esposa e o filho de Ajuricaba têm suas vidas ceifadas por intermédio de ataques empreendidos pelos colonizadores. Desse modo, as ações do protagonista são, principalmente, movidas pelo sentimento de consternação e sofrimento pelas perdas sofridas.

6. Teodósio, o jovem manao convertido à fé cristã

Teodósio é, certamente, um dos personagens mais interessantes e que se mostra surpreendente no desfecho da história. Convertido ao cristianismo e auxiliar do padre Antônio, o religioso responsável pela missão católica no “Forte São José da Barra do Rio Negro, atual cidade de Manaus” (VIEIRA, 2020, p.26), ele é apresentado como um jovem ameríndio que foi submetido à ideologia cristã ocidental e que passa a professar esta fé, sempre obediente às ordens do sacerdote-chefe e resiliente às agressões e opressões cometidas pelo sistema religioso.

A submissão do jovem manao cristão, ao longo da narrativa, contrasta, dessa forma, com a insubordinação de Ajuricaba perante o genocídio cometido pelo Estado e Igreja contra as populações tradicionais. Enquanto o “governador do Rio Negro” está empenhado em mobilizar nações aliadas e construir diálogo com as inimigas para formar uma coalizão a fim de resistir aos ataques dos invasores, Teodósio se encontra envolvido pelos ofícios eclesiásticos.

No entanto, a narrativa gráfica exhibe, também, os conflitos internos do personagem, que toma ciência da existência daqueles ameríndios combatentes por justiça e liberdade,



liderados por um guerreiro pertencente à sua etnia, um manao, portanto. Desse modo, após o suicídio de Ajuricaba, e testemunhando a perda dos combatentes ameríndios para o exército lusitano, culminando na escravidão dos sobreviventes revolucionários, Teodósio, na cena final da narrativa, se despoja das vestes ocidentalizadas e volta à floresta, iniciando um novo movimento de resistência ao colonialismo na Amazônia. Por fim, “depois de alguns combates, Teodósio foi preso e enviado a Lisboa, onde foi julgado e executado” (VIEIRA, 2020, p.130).

7. Homenagem à extinta língua manao

Por meio da HQ Ajuricaba é possível conhecer alguns dos vocábulos⁴ pertencentes à língua manao, extinta em razão do genocídio empreendido pelo colonizador europeu contra seus falantes. De fato, a inclusão de palavras em manao na obra é uma forma de prestar homenagem à nação de Ajuricaba. No posfácio da HQ, o roteirista Ademar Vieira explica que

Durante a pesquisa para elaboração do roteiro, descobri que a língua Manao, que foi extinta juntamente com a cultura da tribo, teve um único registro preservado: um apanhado de 140 palavras aleatórias registradas por um expedicionário francês⁵, muitos anos antes dos fatos narrados na hq. Algumas dessas palavras encontradas no livro “Glossaria Linguarum Brasiliesium” de Carl Friedr. Phil. Von Martius [*sic*] publicado em 1863, foram resgatadas e utilizadas nos diálogos dos personagens manaos”. (VIEIRA, 2020, p.132).

O ataque às línguas originárias é uma constante na história nacional e vem ocorrendo desde o estabelecimento do domínio lusitano no país, ainda no século XVI, por meio do massacre da população nativa. Essa hostilidade à fala autóctone tem seu ápice no século XVIII, quando o secretário de Estado dos Negócios Interiores do Reino de Portugal, Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, promulga o “Diretório dos Índios”

⁴ Alguns dos termos em manao presentes na HQ são: *neyerys* (irmãos); *huena* (vamos); *Gamainha Pichene* (Espírito da Floresta); *palyhats* (branco); *apakony* (pai); *Nuâng notany* (meu filho).

⁵ É necessário frisar que, embora mencione um expedicionário francês, o roteirista Ademar Vieira toma como base, de fato, a obra *Glossaria Linguarum Brasiliesium* (1863), do alemão Carl Friedrich Philipp von Martius para selecionar os vocábulos em manao. Essa informação é testificada pelo próprio Ademar em entrevista transmitida pelo *youtube*, podendo ser acessada por meio deste link: <https://www.youtube.com/watch?v=VSF3Y1bzOOY&t=594s>.



(TOUCHE, 2000, p.1), lei responsável por, dentre outras diretrizes, decretar o português lusitano como língua oficial da colônia, levando à proibição das línguas ameríndias. Assim, conforme aponta a linguista Lygia Maria Gonçalves Touche (2000),

A imposição da língua portuguesa foi uma questão fundamental para Portugal, no sentido da preservação da colônia, contudo, a concorrência do português com a língua geral ainda perdurou até a segunda metade do século XVIII, quando o discurso das autoridades portuguesas se centrou numa política de difusão e obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa (TOUCHE, 2000, p.1).

Assim sendo, a enunciação de palavras em língua Manao na HQ se configura como um ato de resistência frente ao massacre sociocultural que as primeiras nações vêm sofrendo. Os vocábulos manao ecoam as vozes dos combatentes liderados por Ajuricaba no século XVIII na luta por liberdade, justiça e sobrevivência.

8. Considerações finais

Nesse sentido, é importante frisar que o combate se dá entre dois discursos: o da resistência, de um lado; do outro, o da opressão. Duas esferas em batalha, portanto: opressor e oprimido. No entanto, é evidente o desnível entre esses polos, visto que os povos tradicionais foram, e continuam sendo, atacados por meio de mecanismos de opressão, como o genocídio, ainda presente no século atual.

É por esta razão que o discurso veiculado pela HQ Ajuricaba se faz tão necessário, uma vez que a obra abre espaço para que a história de resistência ao colonialismo das nações do Rio Negro seja difundida entre jovens e adultos. Além disso, o acesso a essa narrativa de luta e resistência ameríndia é um excelente instrumento de conscientização para problemáticas que persistem no país, haja vista as ações criminosas contra os povos originários que são perpetradas ainda nos dias de hoje.

Referências

ALBERT, B.; RAMOS, A. (Org.) 2002. **Pacificando o branco**: cosmologias do contato no norte amazônico. São Paulo: Imprensa Oficial, Editora UNESP, 2002.



- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CLIFFORD, James; MARCUS, George. **A escrita da cultura: poética e política da etnografia**. Tradução de Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Papéis selvagens/EDUFRRJ, 2016.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- COSTA, A. B. da S.; SILVA, E. P. da. **Níquel Náusea vai à escola: usos dos quadrinhos em sala de aula**. *Comunicação & Educação*, v. 19, n. 2, p. 27-38, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/68343>. Acesso em: 11 jan. 2022.
- DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Helena H.; DANNER, Fernando (Orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.
- GOMES, Ivan Lima. Uma breve introdução à história das histórias em quadrinhos no Brasil. **In:** Congresso Nacional de História da Mídia, 6. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro. 2008. p. 01-15. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Uma%20breve%20introducao%20a%20historia%20das%20historias%20em%20quadrinhos%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil Brasileira: História & histórias**. São Paulo: Ática, 1985.
- RIO Negro**. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa/programas/rio-negro>. Acesso em 26/11/2021.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas**. DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada, v. 9, n. 1, 1993.



SILVA JÚNIOR, Fernando Alves da. **Tradução e Xamanismo na poética indígena**. 2020. 203 f. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós - Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, 2020.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; BONIN, Iara Tatiana. **A temática indígena em livros selecionados pelo PNBE: análises e reflexões**. Educação, v. 35, n. 3, p. 329-339, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/848/84824567006.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2022.

TROUCHE, Lygia Maria Gonçalves. O Marquês de Pombal e a implantação da Língua Portuguesa no Brasil: reflexões sobre a proposta do Diretório de 1757. **In: Congresso Nacional de Linguística e Filosofia, 4. Anais eletrônicos [...]**, 2000. Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ12_9.htm. Acesso em: 20 fev, 2022.

VIEIRA, Ademar et al. **Ajuricaba**. Manaus: Black Eye Estúdio, 2020.

VERDOLINI, Thaís Helena Affonso et al. **Turma da Mônica: trajetória intertextual em 40 anos de história**. 2007.

